

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 10 – Informação e Memória

#### ORALIDADE, ACERVOS DOCUMENTAIS E IDENTIDADE QUILOMBOLA EM JARDIM-CE

#### *ORALITY, DOCUMENT MANAGEMENT, AND QUILOMBOLA IDENTITY IN JARDIM-CE*

**Francisco Wagner Santana Filgueiras** – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

**Priscilla Régis Cunha de Queiroz** – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

**Denysson Axel Ribeiro Mota** – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Este estudo analisa, sob a ótica da Ciência da Informação, os processos de mediação entre memória social e sistemas informacionais no autorreconhecimento da Comunidade Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos. Objetiva-se compreender as tensões entre oralidade e documentos institucionais, mapear estratégias comunitárias de gestão de acervos e documentos e avaliar as narrativas orais dos anciãos como tecnologia social de preservação da memória, vinculando-as à justiça histórica. A metodologia qualitativa combinou análise documental (leis, estatutos, relatórios) e pesquisa de campo com entrevistas narrativas junto a quatro anciãos. Os resultados revelam que o autorreconhecimento é um processo contínuo de mediação, onde a comunidade articula memórias orais a marcos legais e desenvolve ações endógenas (associação, museu, projetos de registro) como estratégias de resistência. Evidencia-se a centralidade da oralidade como tecnologia social resiliente para ressignificar memórias, preservar saberes e afirmar a identidade quilombola. Conclui-se que a valorização da memória oral e o apoio às estratégias informacionais comunitárias são cruciais para a justiça epistêmica e para políticas públicas mais dialógicas.

**Palavras-chave:** Comunidade Remanescente de Quilombo; oralidade; memória.

**Abstract:** This study analyzes, from the perspective of Information Science, the mediation processes between social memory and information systems in the self-recognition of the Serra dos Mulatos Quilombo Remnant Community. The objective is to understand the tensions between orality and institutional documents, to map community strategies for managing archives and documents, and to evaluate the oral narratives of elders as a social technology for preserving memory, linking them to historical justice. The qualitative methodology combined documentary analysis (laws, bylaws, reports) with field research through narrative interviews with four elders. The results reveal that self-recognition is an ongoing mediation process in which the community articulates oral memories with legal frameworks and develops endogenous actions (association, museum, recording projects) as strategies of resistance. The study highlights the centrality of orality as a resilient social technology for re-signifying memories, preserving knowledge, and affirming quilombola identity. It concludes that valuing oral memory and supporting community information strategies are crucial for epistemic justice and for more dialogical public policies.

**Keywords:** Quilombo Remnant Community; orality; memory.

## 1 INTRODUÇÃO

A memória social e os processos de construção identitária em comunidades tradicionais constituem um campo relevante para a Ciência da Informação, especialmente em contextos marcados por históricos de exclusão. Nesse sentido, Halbwachs (1990) enfatiza que a memória coletiva é reconstruída a partir de quadros sociais, operando como um mecanismo de coesão identitária em grupos marginalizados. No Brasil, o reconhecimento jurídico de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) demanda não só comprovada ancestralidade negra, mas mobilização estratégica de narrativas que ressignificam o passado.

A pesquisa foca na tensão entre memória oral e documentação institucional no autorreconhecimento quilombola. Le Goff (2003) aponta que a validação da história privilegia registros escritos sobre tradições orais. Enquanto o Estado exige documentos formais, as comunidades usam a oralidade, práticas culturais e acervos para legitimar suas reivindicações. Essa dinâmica expõe uma lacuna nos estudos da Ciência da Informação em contextos étnicos, especialmente na valorização de saberes não institucionalizados. Capurro (2003) reforça a necessidade de uma Ciência da Informação que reconheça comunidades informacionais plurais, incluindo o saber tradicional, excluído de sistemas hegemônicos.

Esse fenômeno foi investigado na CRQ Serra dos Mulatos, localizada no município de Jardim, no estado do Ceará, e certificada em 2021. A comunidade, formada por descendentes de escravizados fugitivos e povos indígenas, enfrentou décadas de invisibilidade até estruturar um processo de autorreconhecimento baseado na recuperação de memórias familiares e na criação de um museu local que representasse a memória revivida como patrimônio.

O problema central foi investigar como a memória individual e coletiva foi ressignificada e convertida em informação estratégica para atender às exigências legais do Estado, sem perder sua essência cultural. Bhabha (1998) oferece aporte ao discutir a negociação de significados entre sistemas oficiais e tradições locais em identidades pós-coloniais, criando terceiros espaços híbridos. A hipótese é que o autorreconhecimento quilombola opera como um dispositivo informacional, mediando tradição oral e burocracia estatal.

O objetivo geral foi analisar, sob a ótica da Ciência da Informação, os processos de mediação entre memória social e sistemas informacionais no autorreconhecimento da CRQ Serra dos Mulatos, com foco na ressignificação da memória e construção de acervos

comunitários como forma de resistência identitária e de preservação da memória. Para isso, buscou-se: identificar elementos da memória coletiva mobilizados na certificação quilombola, analisando tensões entre oralidade e documentos; mapear estratégias de gestão de acervos e documentos e seus impactos na preservação de saberes tradicionais; e avaliar o papel das narrativas orais dos anciãos como tecnologia social de preservação da memória.

A pesquisa justifica-se pela urgência em ampliar o conceito de 'informação' na Ciência da Informação, reconhecendo práticas mnemônicas de comunidades tradicionais como fontes legítimas de conhecimento. Butler (2015) contribui ao afirmar que a performatividade da identidade exige suportes materiais e simbólicos, incluindo acervos organizados em arquivos das comunidades. O estudo amplia o debate acadêmico ao demonstrar como a memória, em contextos marginalizados, transcende o registro histórico, tornando-se instrumento político de resistência.

Metodologicamente, combinou-se análise documental (leis, relatórios, estatutos) e entrevistas narrativas de história oral com anciãos quilombolas, cujas trajetórias pessoais foram cruciais para reconstruir a história da comunidade. Os dados revelaram que a CRQ Serra dos Mulatos utilizou registros fotográficos, atas de reuniões e relatos orais (sobre fugas de escravizados e outras memórias orais) para compor sua identidade quilombola. Essa dualidade ecoou o conceito de memória subterrânea de Pollak (1989), que descreve como grupos subalternos preservam narrativas em espaços informais para resistir ao apagamento histórico, ao que se inserem as CRQ espalhadas por todo o território.

Esse trabalho reforça a necessidade de políticas públicas que reconheçam a pluralidade de formas de registro, alinhando-se aos debates contemporâneos sobre preservação digital e justiça histórica para camadas marginalizadas.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO: ENTRE DOCUMENTOS E ORALIDADES**

A presente investigação, situada na intersecção entre Ciência da Informação, Memória Social e Estudos Étnico-Raciais, adotou uma abordagem qualitativa de natureza exploratório-descritiva (Gil, 2002; Minayo, 2001). Essa escolha justifica-se pela complexidade do objeto de estudo: os processos de mediação entre memória social e sistemas informacionais no autorreconhecimento da CRQ Serra dos Mulatos, com ênfase na ressignificação da memória, nas tensões entre oralidade e registro documental, e na construção de acervos como dispositivos de resistência.

O percurso metodológico estruturou-se em dois eixos investigativos complementares e interdependentes: pesquisa documental e pesquisa de campo por meio da história oral. Essa triangulação metodológica (Richardson, 1999) foi fundamental para capturar as múltiplas facetas do fenômeno, permitindo contrastar as representações institucionais da memória e identidade quilombola com as narrativas vivas e as práticas memoriais da comunidade em comento.

No eixo da pesquisa documental, procedeu-se ao levantamento e à análise crítica de fontes diversas. Foram examinadas legislações federais pertinentes, com destaque para o Decreto nº 4.887/2003, que normatiza o processo de certificação das CRQs, e a Portaria FCP nº 98/2007. Analisaram-se também documentos institucionais produzidos pela própria comunidade ou sobre ela, como o Estatuto Social da Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM, 2023), o Diagnóstico Bienal do Quilombo Mulatos (ARQSM, 2021), atas de reuniões da associação, o processo administrativo de certificação junto à Fundação Cultural Palmares (FCP, 2021) e relatórios de projetos desenvolvidos em parcerias.

O segundo eixo investigativo consistiu na pesquisa de campo, centrada na coleta de narrativas orais junto a membros da comunidade. Optou-se pela técnica da história oral de vida (Alberti, 1990; Meihy; Holana, 2014), por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro anciãos da comunidade, com idades entre 73 e 91 anos.

A escolha desses participantes justifica-se por seu reconhecido papel como guardiões da memória coletiva (Bosi, 1994), detentores de um conhecimento profundo sobre a trajetória histórica da comunidade, suas práticas culturais (como festividades e medicina tradicional) e os processos de transformação identitária vivenciados.

As entrevistas foram conduzidas em ambiente familiar aos participantes, buscando criar um espaço de confiança e diálogo. Antes de cada entrevista, foram explicitados os objetivos da pesquisa e obtido o consentimento verbal e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o respeito aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos (submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Cariri - UFCA).

As narrativas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra, utilizando-se o software *Transkriptor* para otimizar o processo, seguido de revisão e correção manual cuidadosa para garantir a fidedignidade ao discurso oral. As transcrições foram

submetidas à validação dos participantes em sessões de devolutiva, reforçando o caráter colaborativo da pesquisa.

A análise das narrativas orais seguiu um processo iterativo e indutivo. Inicialmente, realizou-se uma leitura flutuante de cada transcrição para imersão no material. Em seguida, procedeu-se à categorização temática (Gibbs, 2009), identificando padrões, temas recorrentes e categorias de significado emergentes das próprias falas dos anciãos (abordagem *bottom-up*). Categorias como "memória como resistência", "ressignificação de práticas", "narrativas fundadoras", "tensão tradição/modernidade" e "o papel do território" foram construídas a partir dessa análise.

### **3 MEMÓRIA COLETIVA E DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS: TENSÕES NO PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO QUILOMBOLA**

O processo de autorreconhecimento e certificação de uma CRQ, como o vivenciado pela Serra dos Mulatos, situa-se em uma encruzilhada complexa onde a memória social, predominantemente oral e vivida, confronta-se com as exigências formais e os regimes de informação dos sistemas institucionais. Analisar os elementos de memória coletiva mobilizados nesse processo e as tensões inerentes à sua tradução em documentos oficiais é fundamental para compreender as dinâmicas informacionais que permeiam a construção da identidade quilombola sob a égide do Estado, um dos focos centrais desta investigação.

A legislação brasileira, notadamente o Decreto nº 4.887/2003 e a Portaria FCP nº 98/2007, estabelece a autoatribuição como critério central para o reconhecimento, mas demanda, paradoxalmente, a materialização dessa identidade em suportes documentais específicos. A comunidade é instada a apresentar atas de deliberação, um “relato sintético da trajetória comum do grupo” e, se possível, outros “dados, documentos ou informações, tais como fotos, reportagens, estudos realizados, entre outros, que atestem a história comum do grupo ou suas manifestações culturais” (FCP, 2007). Essa exigência impulsiona a comunidade a um intenso trabalho de rememoração e seleção, transformando a memória fluida em informação estratégica para fins de validação externa.

Na CRQ Serra dos Mulatos, diversos elementos da memória coletiva foram acionados e mobilizados durante seu processo de autorreconhecimento, que culminou na certificação em 2021. A narrativa fundadora, centrada na figura de José dos Santos (“Pai Tõe”), o ancestral

escravizado fugitivo que teria se estabelecido na região e dado origem à comunidade, constitui um pilar central dessa memória.

Essa história, transmitida oralmente por gerações, como evidenciado nos relatos de anciãos como Zé Galo, ancora a identidade do grupo em uma trajetória de resistência e busca por liberdade, conectando o presente ao passado de opressão histórica sofrida, um dos critérios definidos pelo Decreto 4.887/2003. A própria designação “Mulatos”, embora originada de um possível epíteto colonial ligado à miscigenação com indígenas Xocós, foi ressignificada pela comunidade e incorporada à sua autoidentificação, tornando-se um emblema de sua história particular e resistência étnica, formalizado inclusive no Estatuto da Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM, 2023).

Além da narrativa fundadora e do nome, práticas culturais e saberes tradicionais foram igualmente mobilizados como marcadores identitários e elementos de memória. Festividades religiosas e comunitárias, como as Festas do Sagrado Coração de Jesus, práticas agrícolas como a mandiocultura, o conhecimento sobre ervas medicinais e técnicas de cura, e a própria relação com o território e seus marcos emergem como componentes vitais da memória coletiva acionada. Fotografias dessas celebrações, artefatos do cotidiano, e registros de casamentos e batizados foram reunidos e apresentados no processo de certificação e posteriormente incorporados ao acervo do Memorial José dos Santos.

No entanto, a necessidade de converter essa memória viva e multifacetada em documentos para certificação cria tensões significativas. Isso revela um embate entre diferentes regimes de informação e validação do conhecimento. A exigência de um 'relato sintético' linear colide com a natureza fragmentada e não linear da memória oral, como discute Ricoeur (2007). A história oficializada pode silenciar nuances e versões alternativas que coexistem na oralidade, a exemplo das diferentes narrativas sobre a chegada de José dos Santos.

A transformação de práticas culturais dinâmicas em fotografias estáticas ou descrições em relatórios, como observado no processo da FCP e no Diagnóstico Bienal (ARQSM, 2021), exemplifica a crítica de Nora (1993) sobre a passagem da memória ao registro histórico e a potencial “institucionalização” ou “congelamento” da memória. A seleção de imagens de festividades como “prova” de continuidade cultural, embora estratégica, reduz a complexidade do ritual vivido a um signo visual para consumo institucional. Da mesma forma, a categorização de saberes tradicionais, como o uso de ervas medicinais, em tabelas ou listas

no diagnóstico, pode descontextualizá-los de seus sistemas epistemológicos e de suas práticas sociais, como alerta Le Goff (1994) sobre a fetichização do documento.

Essa tensão entre a riqueza da oralidade e a simplificação exigida pelos protocolos burocráticos reflete uma disputa de poder sobre o que conta como informação válida e legítima. Enquanto o Estado privilegia o registro escrito e a prova documental, a comunidade fundamenta sua identidade na tradição oral, nas práticas incorporadas e nos laços afetivos com o território e os ancestrais. Halbwachs (1990) já apontava que a memória coletiva se ancora em quadros sociais vivos, e sua redução a documentos pode representar um risco de esvaziamento, uma preocupação manifesta por alguns anciãos da Serra dos Mulatos em relação à digitalização de acervos, conforme mencionado no rascunho inicial do artigo.

Nesse cenário, o processo de certificação, embora fundamental para garantir direitos e visibilidade, opera como um campo de negociação informacional. A comunidade mobiliza seus elementos de memória, mas precisa adaptá-los e traduzi-los para a linguagem e os formatos reconhecidos pelo sistema estatal.

Essa mediação, analisada sob a ótica da Ciência da Informação, revela os desafios enfrentados por comunidades tradicionais na gestão de documentos e registros de informações em um contexto onde seus próprios regimes de saber são frequentemente subalternizados. Compreender essas tensões é crucial para pensar políticas de informação e memória que respeitem a pluralidade epistêmica e promovam a justiça histórica e cognitiva.

#### **4 GESTÃO DE DOCUMENTOS, ACERVOS E A PRESERVAÇÃO DE SABERES TRADICIONAIS**

A emergência de estratégias formais de gestão de acervos, documentos e informações em comunidades quilombolas, como a CRQ Serra dos Mulatos, representa um fenômeno complexo e ambivalente no que tange à preservação dos saberes tradicionais. Impulsionadas tanto por exigências externas (como o processo de certificação) quanto por necessidades internas de organização e reivindicação de direitos, essas estratégias, que vão desde a criação de associações e estatutos até a implementação de diagnósticos e museus comunitários, reconfiguram as formas como a memória e o conhecimento circulam e são validados.

Convém destacar que, no que se refere a essa gestão documental, partimos de uma acepção técnico-arquivística, que não se restringe à mera produção de documentos, mas compreende um conjunto integrado de operações que abrange a produção, a tramitação, o uso, a avaliação, a guarda e, quando necessário, a eliminação documental (Schellenberg,

2006; Rousseau; Couture, 1998). Nas comunidades tradicionais como a CRQ Serra dos Mulatos, tal noção é reinterpretada e adaptada, articulando-se a práticas locais de informação, organização comunitária e resistência cultural.

A formalização da comunidade através da criação da Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM) e a elaboração de seu Estatuto Social (ARQSM, 2023) constituem a primeira e fundamental estratégia de gestão documental. A associação passa a ser a entidade legalmente reconhecida, centralizando a representação política e a gestão de projetos. O Estatuto, por sua vez, não é apenas um requisito burocrático; ele codifica os objetivos da comunidade, incluindo explicitamente a promoção do “desenvolvimento sócio-econômico-educacional-cultural” e o respeito aos Direitos Humanos (ARQSM, 2023).

Ao definir instrumentos como o Plano Anual de Desenvolvimento Sustentável Comunitário (PADESCOM), que prevê grupos de trabalho sobre cultura e memória, o Estatuto institucionaliza a preocupação com a preservação cultural, transformando-a em meta organizacional. No entanto, essa formalização também pode introduzir lógicas administrativas externas que, por vezes, entram em tensão com formas mais orgânicas de organização comunitária.

Outra estratégia crucial foi a realização do Diagnóstico Bienal do Quilombo Mulatos (DBQM) em 2020-2021 (ARQSM, 2021). Este documento, elaborado pela própria comunidade com apoio externo, serviu não apenas como subsídio para o processo de certificação junto à FCP, mas também como ferramenta de autoconhecimento e planejamento. Ao mapear sistematicamente as condições de vida, desafios e potencialidades em diversas áreas (saúde, educação, cultura, etc.), o diagnóstico gerou um registro formal da realidade local.

Seu impacto na preservação de saberes é duplo: por um lado, ao identificar lacunas como a “falta de conhecimento técnico [...] na preservação e revitalização da cultura e tradição local” e a ausência da cultura quilombola no currículo escolar (ARQSM, 2021, p. 25), o diagnóstico aponta para riscos de perda de saberes e subsidia ações futuras. Por outro lado, o próprio processo de coleta de dados para o diagnóstico, ao envolver entrevistas e levantamentos, pode ter estimulado a rememoração e a valorização de conhecimentos tradicionais, embora se observe criticamente que os anciãos foram mais fontes do que participantes ativos na análise.

A criação do Memorial José dos Santos - Museu do Quilombo Mulatos representa, talvez, a estratégia mais emblemática de gestão voltada à preservação. Nascido da

necessidade de preservar e disseminar as suas memórias e a sua história (ARQSM, 2023), o museu transcende a função de mero repositório. Conforme definido no Estatuto da ARQSM (2023, Art. 80-81), ele assume uma “função social educativa, cultural e promotora de direitos”. A musealização de objetos do cotidiano, como as ancas de carregar água, promove uma ressignificação ativa: artefatos antes associados ao sofrimento tornam-se símbolos de resistência e progresso.

Ao coletar, catalogar (com apoio de projetos de extensão universitária) e expor esses objetos e as narrativas a eles associadas, o museu combate o esquecimento e oferece um espaço físico e simbólico para a afirmação da identidade e a transmissão intergeracional de saberes. A conexão com o Sistema Estadual de Museus (SEM) e a certificação como Ponto de Cultura ampliam a visibilidade e o potencial de sustentabilidade dessa iniciativa.

Os diversos projetos desenvolvidos em parceria com a Universidade Federal do Cariri (UFCA) também se configuram como estratégias importantes de gestão e preservação. Projetos como “Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas” e “Memória social dos quilombos do Cariri” focaram diretamente no registro audiovisual da memória oral e na construção de acervos físicos e virtuais (inventário cultural).

Essa documentação sistemática de narrativas sobre ofícios, costumes, curas, celebrações e a relação com o território, embora sujeita às limitações da tradução da oralidade para outros suportes, representa um esforço concreto para salvaguardar conhecimentos tradicionais ameaçados pela passagem do tempo e pelas pressões externas. Outros projetos focaram no fortalecimento cultural (Cinema no Quilombo, intercâmbios) e na capacitação para gestão (Territórios Quilombolas, Pré-incubação), impactando indiretamente a capacidade da comunidade de gerir e preservar seus próprios saberes.

Em suma, a CRQ Serra dos Mulatos desenvolveu um conjunto articulado de estratégias de gestão de acervos e documentos – associativismo, planejamento diagnóstico, musealização, documentação audiovisual e parcerias institucionais – que visam ativamente a preservação de seus saberes tradicionais. Os impactos observados são majoritariamente positivos, promovendo a valorização da cultura local, a ressignificação da memória, a criação de espaços de transmissão e o fortalecimento da identidade quilombola.

Contudo, é preciso manter um olhar crítico sobre os riscos inerentes à formalização e documentação, como a potencial simplificação da complexidade oral, a exclusão de vozes (como a dos anciãos no planejamento ativo) e a adoção de lógicas externas. A sustentabilidade

dessas estratégias e sua capacidade de dialogar continuamente com a dinâmica viva da cultura oral permanecem como desafios importantes para a comunidade na gestão de seu patrimônio informacional e cultural.

## **5 NARRATIVAS DE HISTÓRIA ORAL: RESSIGNIFICAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

Nas comunidades tradicionais, onde a escrita formal muitas vezes se apresenta como um sistema externo ou historicamente ausente, a oralidade transcende a mera função comunicativa para se constituir como uma complexa e resiliente tecnologia social. Na CRQ Serra dos Mulatos, essa tecnologia se manifesta de forma vibrante nas narrativas dos anciãos, que operam como arquivos vivos, sistemas de transmissão de conhecimento e arenas para a contínua negociação da memória e da identidade.

A própria fundação da comunidade e a transmissão de sua história primordial ilustram a centralidade dessa tecnologia oral. A figura do ancestral José dos Santos, cuja história de fuga e estabelecimento na serra é o marco zero da identidade local, chega às gerações atuais não por documentos, mas pela palavra passada. Zé Galo, um dos anciãos mais ativos na comunidade, relata: “E, no caso o meu bisavô se chamava José dos Santos né, ele morreu novo não sei como [...] mas ele veio fugido de algum canto”. A validação dessa informação crucial não reside em um papel, mas na cadeia de transmissão: “Essa história foi passada a ele pelos mais velhos, que por sua vez ouviram de seus pais, que por sua vez, ouviram do pais deles”.

Essa cadeia oral funciona como um sistema robusto de preservação e validação da memória fundadora. A descoberta posterior, também mediada pela oralidade e pela pesquisa comunitária, sobre a natureza dessa fuga – “aí descobriram que ele veio fugido de algum canto se escondendo do negócio, como se diz? Era, ele fugia da escravidão e na verdade era isso, aí foi quando foi descoberto que nós somos sangue quilombola né” (Zé Galo) – demonstra a capacidade dessa tecnologia de incorporar novas informações e reinterpretar o passado, um processo alinhado à concepção de Ricoeur (2007) sobre a memória como algo constantemente trabalhado e reconfigurado.

As narrativas orais funcionam como componentes dessa tecnologia social, cada qual com funções específicas na produção e disseminação de conhecimento e fortalecimento da memória coletiva. As narrativas de resistência, por exemplo, ao relatarem as dificuldades passadas – a precariedade das estradas, a labuta para buscar água na fonte distante, o trabalho extenuante na roça, no carvão, na lenha, nos engenhos ou nas feiras, os momentos

de fome e doença – não são apenas lamentos, mas testemunhos de superação que forjam a identidade coletiva. A forma como são contadas hoje, com um sentimento de vitória – todos afirmaram, com suas palavras, que hoje “as coisas tão melhor” – evidencia o processo de resignificação. A memória da dor, como discute Bosi (1994) ao analisar as lembranças dos mais velhos, é reelaborada no presente, transformando-se em lição de resiliência.

As narrativas de lendas e mitos, como a recorrente história da “Rainha da Mata” ou “Dona da Mata”, entidade que domina as caças e as águas da Serra e para quem todos devem respeito, operam como códigos éticos e ambientais. A crença de que o sucesso na caça depende da permissão dessa entidade – “Para aqueles que pedem a ela o consenso para caçar, o trabalho dá fruto [...] Para quem não pede, o trabalho é em vão” (Mãe Ló) – e as consequências da desobediência – “vem o açoite” (Mãe Ló) – funcionam como uma tecnologia de regulação da relação com a natureza, transmitindo um saber ecológico ancestral que remonta, segundo os relatos, aos tempos indígenas. Narrar essas histórias hoje, para gerações imersas em outras tecnologias, é um ato de resistência cultural.

Os saberes práticos, essenciais à sobrevivência e autonomia, são igualmente veiculados por essa tecnologia oral. As narrativas de ofícios e fazeres detalham desde a confecção de roupas com sacos até as técnicas de aviamento para transformar a mandioca em farinha e, depois, produzir bolo, tapioca, beiju, nega de goma, passando pela arte com cipó e os modos de fazer na plantação.

Contadas pelos anciãos com sentimento de dever cumprido, essas narrativas são manuais vivos, tecnologias de conhecimento prático. Similarmente, as narrativas de curas e vidas preservam o vasto conhecimento sobre a medicina tradicional, os remédios do mato, onde Zé Galo é reconhecido como especialista. A descrição do uso de ervas, cascas, raízes, flores e frutas para curar doenças, cicatrizar feridas, analgesiar dores, desinflamar, desintoxicar representa um acervo oral que resiste e dialoga com a medicina formal.

As normas sociais e a coesão comunitária são reforçadas pelas narrativas de costumes e moral e pelas narrativas de celebrações e cultos. Relatos sobre casamentos arranjados, festas que duravam dias – como a de Mãe Ló e Antônio Mulato, que “durou três dias!” – e a forte moralidade percebida (“aqui na serra não tinha de home com muié que num era sua”, conta Mãe Ló), transmitem os códigos de conduta que estruturaram a comunidade. As memórias das renovações, que uniam a todos independentemente da crença, são evocadas

por Zé Galo: “Aquele dia da renovação almoçava todo mundo junto que chegasse, jantava todo mundo junto rezava todo mundo junto [...] e era aquela animação toda”.

A retomada dessa celebração hoje, como a renovação do Quilombo Mulatos, demonstra a capacidade da comunidade de ressignificar tradições, utilizando a memória oral como tecnologia para fortalecer laços no presente, mesmo diante da diversidade religiosa atual. Mãe Ló recorda a centralidade da fé e da transmissão oral no passado: “Todas as rezas nós sabia, pai ensinava, pai, mãe e uma tia nossa ensinava todas as rezas”.

O processo de ressignificação da memória, central para a análise de Halbwachs (1990) sobre a memória coletiva como construção social do presente, é talvez onde a tecnologia oral se revela mais potente. O ato de narrar o passado no contexto do autorreconhecimento quilombola permite uma releitura profunda das experiências. As memórias sobre a falta de acesso à educação, compartilhadas por todos os anciãos entrevistados, são hoje ressignificadas como combustível para a luta pela educação quilombola diferenciada.

Finalmente, a oralidade funciona como uma poderosa tecnologia de afirmação identitária e resistência. Confrontados com um histórico de estigmatização – Zé Galo lembra de ouvir “cês são uns nego cativo” –, os anciãos utilizam a palavra para se posicionar. A resposta de Zé Galo àqueles que estranham a identidade quilombola – “muitos acham ruim [...] de onde que tiram tanta coisa?” – é uma afirmação de existência e autonomia: “rapaz, o que eu sou, eu sou e pronto né, se eu for quilombola, é quilombola, se eu for mulato, é mulato, eu sei que eu sou, sou um ser vivo”. Sua elaboração sobre a herança da dor ancestral – “Pronto, se eu sou quilombola, quem quer ser? quem quer ter uma família que foi maltratada, né? Mas se a minha família lá foi maltratada, foi, e eu não posso fugir, né? Acho isso!” – demonstra a complexidade da identidade assumida, que não nega o passado de sofrimento, mas o integra a uma narrativa de resistência e orgulho.

A afirmação de Dona Delzuite sobre sua dupla herança, indígena e quilombola (“eu sou assim, quilombola né [...] mas que minha família sempre é índia [...] mas eu acho, e eu acho bom!”), e a metáfora de Seu Luiz sobre aprender a gostar da identidade antes desconhecida (“o que a gente nunca comeu, quando vai comer pela primeira vez, e gosta, ele consegue comer [...] com muito orgulho”), são performances identitárias que utilizam a tecnologia da palavra para construir e defender o si-mesmo como um outro (Ricoeur, 1991).

Para a Ciência da Informação, reconhecer a profundidade e a centralidade dessa tecnologia oral, ancorada nas vozes dos anciãos, é fundamental. Implica em repensar a noção de fonte, registro e arquivo, valorizando os sistemas de conhecimento não-hegemônicos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo investigou a mediação entre memória social e sistemas informacionais no autorreconhecimento da CRQ Serra dos Mulatos. O objetivo foi analisar tensões entre oralidade e documentos, mapear estratégias comunitárias de gestão de acervos e documentos e avaliar narrativas orais como tecnologia social. A pesquisa constatou que, embora a certificação mobilize memórias coletivas, a exigência estatal de documentos gera tensões com a fluidez da tradição oral, principal repositório histórico, frequentemente simplificando-a.

A comunidade demonstrou significativa agência informacional ao criar estratégias próprias de gestão (associação, diagnóstico, museu, projetos audiovisuais), impactando positivamente a preservação de saberes, apesar dos riscos de exclusão de vozes ou adoção de lógicas externas. Fundamentalmente, as narrativas orais dos anciãos revelaram-se uma sofisticada tecnologia social, essencial para ressignificar memórias (transformando dor em resistência), codificar saberes práticos e éticos, e afirmar a identidade e a resistência política, constituindo a verdadeira força vital da memória social quilombola.

Assim, o objetivo geral foi alcançado, analisando a mediação memória/informação e evidenciando a ressignificação e a criação de dispositivos informacionais comunitários como resistência política. A hipótese de que o autorreconhecimento funciona como dispositivo mediador foi validada e aprofundada: trata-se de um processo dialético onde a comunidade utiliza demandas externas para fortalecer suas tecnologias informacionais (oralidade, memória, arquivos) e ressignificar ativamente sua história, demonstrando agência.

O estudo contribui para a Ciência da Informação e áreas afins ao reforçar a necessidade de valorizar a diversidade epistêmica e a oralidade, desenvolvendo práticas mais interculturais e justas. Orienta políticas públicas a dialogarem com lógicas comunitárias, apoiando iniciativas endógenas. Serve também às CRQ como reflexo de suas lutas e subsídio para reivindicações.

Em suma, a CRQ Serra dos Mulatos exemplifica como, mesmo na adversidade, tecnologias sociais são desenvolvidas para preservar e ressignificar o passado, construindo presente e futuro. A palavra viva, os objetos do museu e os documentos associativos são atos

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

de resistência. Compreender e apoiar tais processos é um compromisso ético para uma Ciência da Informação que reconheça o saber quilombola como patrimônio brasileiro.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ARQSM - ASSOCIAÇÃO REMANESCENTE DE QUILOMBO SERRA DOS MULATOS. **Diagnóstico Bienal do Quilombo Mulatos**. Jardim: ARQSM, 2021.

ARQSM - ASSOCIAÇÃO REMANESCENTE DE QUILOMBO SERRA DOS MULATOS. **Estatuto Social da ARQSM**. Jardim: ARQSM, 2023.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Decreto nº 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 nov. 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DILTHEY, Wilhelm. O surgimento da hermenêutica. Tradução: Eduardo Gross. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 11-32, 1999.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 525-541.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, v. 10, p.7-26, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro.** Tradução: Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística.** Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas.** 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence Samuel; COOK, Stuart Wellford. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.